



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

THAIS DE OLIVEIRA SOBRINHO

**HISTÓRIA E FANTASIA: O IMAGINÁRIO MEDIEVAL NO FILME: “AS
CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA (2005)”**

PORTO NACIONAL – TO

2022

THAIS DE OLIVEIRA SOBRINHO

**HISTÓRIA E FANTASIA: O IMAGINÁRIO MEDIEVAL NO FILME: AS
CRÔNICAS DE NÁRNIA: “O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA (2005)”**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional, para obtenção do título de Licenciada em história, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno.

PORTO NACIONAL – TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S677h Sobrinho, Thais de Oliveira .
Historia e Fantasia: O Imaginário Medieval no Filme : " As Cronicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa (2005) ". / Thais de Oliveira Sobrinho . – Porto Nacional, TO, 2022.
31 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de História, 2022.
Orientador: Rodrigo Poreli Moura Bueno

1. Imaginário . 2. Medieval. 3. Cinema . 4. História. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

THAIS DE OLIVEIRA SOBRINHO

HISTÓRIA E FANTASIA: O IMAGINÁRIO MEDIEVAL NO FILME: “AS CRÔNICAS
DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA (2005) ”

Artigo apresentado à UFT- Universidade Federal do
Tocantins - Campus Universitário de Porto Nacional,
Curso de Licenciatura em História, para obtenção do
Título de Licenciada em História, aprovado em sua
Forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 29/11/2022

Banca Examinadora:

Prof. O Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno (orientador), UFT

Prof.^a Dr.^a Ângela Teixeira Artur, UFT

Prof. O Dr. George Leonardo Seabra Coelho

AGRADECIMENTOS

Em 2018 ingressei no curso de Licenciatura em História. Lembro-me muito bem da minha Felicidade por ter conseguido entrar para a Universidade Federal e também pela Felicidade da minha mãe por ter conseguido isso. Foram anos de aprendizados, risos, mas também tive muitas inseguranças e dificuldades.

Agradeço a Deus por me conceder saúde, força e disposição para fazer a faculdade e o trabalho de conclusão de curso, por me tranquilizar em momentos difíceis de ansiedade e insegurança.

A minha mãe Márcia, um dos meus maiores incentivadores para lutar pelo meu futuro, chegava com palavras de conforto e incentivo que tranquilizava o meu coração: te amo. Aos meus irmãos Ericsson, Max William e Ana Paula, especialmente ao Max William, que me auxiliou no início do curso.

Ao meu namorado, Matheus, pela compreensão em momentos de ausência e pelo apoio, abraço e carinho: te amo. Agradeço às minhas amigas e colegas de curso: Joelma, Jordana e Milena que, desde o segundo período, formamos uma linda amizade que, com certeza, levarei da faculdade para a vida. Vocês tornaram os meus dias mais leves e felizes ao longo de todo o curso.

Agradeço ao meu orientador, o Prof. O Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno, por ter aceitado ser meu orientador e por toda a orientação, paciência, ajuda e compreensão que teve comigo, és um ótimo profissional. Agradeço a banca avaliadora, Prof. Dr. a Ângela Teixeira Artur, e ao Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho por terem aceitado participar deste momento importante. Agradeço, também, a Instituição de Ensino Superior, a UFT.

RESUMO

A presente pesquisa apresenta a análise fílmica sobre História e Fantasia: O Imaginário Medieval no filme: As Crônicas de Nárnia: O leão, a feiticeira e o Guarda-Roupa (2005). Tem como objetivo geral identificar como alguns elementos do imaginário medieval são retrabalhados nessa obra fílmica. Para realizar esse estudo, foi utilizada a pesquisa qualitativa a partir da pesquisa bibliográfica. O resultado da pesquisa mostrou a presença do imaginário medieval por meio de florestas, animais, como o leão, faunos, armas da cavalaria e títulos de nobreza feudal.

Palavras-Chave: Imaginário. Medieval. Cinema. História.

ABSTRACT

This research presents a film analysis on History and Fantasy: The Medieval Imaginary in the Film: The Chronicles of Narnia: The Lion, the Witch and the Wardrobe (2005). Its general objective is to identify how some elements of the medieval imaginary are reworked in this filmic work. To carry out this study, qualitative research was used based on bibliographical research. The result of the research showed the presence of the medieval imagination through forests, animals, such as the lion, fauns, cavalry weapons and titles of feudal nobility.

Keywords: Medieval. Imaginary. Cinema. History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Lúcia descobre o Universo de Nárnia.....	22
Figura 2- Conhecendo Nárnia.....	22
Figura 3- Lúcia conhece o Sr.Tumnus.....	24
Figura 4- Os amuletos de Proteção.....	25
Figura 5- Pedro, Susana e Lúcia no Acampamento de Aslam	26
Figura 6- Batalha do Exército de Aslam vs Feiticeira Branca.....	27
Figura 7- Reis e Rainhas de Nárnia	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 HISTÓRIA,IMAGINÁRIO E CINEMA.....	13
2.1 Breves Conceitos sobre o Imaginário.....	13
2.2 O Imaginário Medieval	15
2.3 O Cinema como Fonte histórica	16
2.4 A Idade Média no Cinema	17
3 OLHARES SOBRE NÁRNIA	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Por volta do século XIX, o cinema tem a sua primeira exibição em local público através dos Irmãos Lumière¹ em 1895. Ao longo do tempo, o cinema se tornou de extrema relevância como fonte de pesquisa histórica no campo historiográfico, principalmente, por meio do historiador Marc Ferro, um dos pioneiros da terceira geração do Annales. Onde observava na película um meio de narrar fatos através da imagem, e também trazer para a sociedade o poder de fala.

Assim como meio de pesquisa no campo historiográfico, o cinema atualmente é uma das maiores fontes de entretenimento, em especial abordando temas ligados à fantasia medieval, trazendo para a sociedade uma visão diferente do que costuma se imaginar da Idade Média, como um período obscuro, trágico e violento.

Sendo assim, o tema deste trabalho é analisar brevemente o imaginário medieval em “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda Roupa”, de 2005. O filme narra a história de quatro irmãos: Pedro, Susana, Edmund e Lúcia, que vivem na Inglaterra, mas precisam sair de casa devido a um bombardeio de aviões alemães na Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, são enviados para a casa do professor Kirke, que fica no interior do país. Os personagens descobrem um guarda-roupa que os leva para um mundo fantástico com seres mitológicos. A obra apresenta elementos e temas medievais que dialogam com o recorte temporal do século XX.

A época medieval foi caracterizada por guerras, fome, doenças, mortes, mas também por lendas, mitos e heróis criados pelo imaginário da sociedade europeia, ao longo do tempo. Assim como os textos de literatura foram criados por autores da época em que imaginavam mundos maravilhosos e fantasiosos.

No mundo contemporâneo, a Idade Média é conhecida pelo lado sombrio, onde algumas pessoas têm olhares pejorativos. A sociedade, atualmente, alimenta pensamentos e visões de um período atrasado e obscuro, usando o termo “Idade das trevas”. Desse modo, o tema é relevante para as escolas e os espaços acadêmicos que tratam da cultura medieval contribuindo para tentar desconstruir esse tipo de pensamento. Assim, é relevante o uso do cinema como meio de representação utilizando temas de fantasias e mundos fabulosos. Além disso, para se trabalhar com alunos do ensino fundamental, para incentivar a criatividade e o

¹ Auguste e Louis Lumière são uns dos criadores do cinematógrafo, responsável por filmar e, ao mesmo tempo, projetar imagens ao público e responsáveis pela primeira projeção de cinema da história.

pensamento que rejeita rótulos e estereótipos históricos.

O campo do imaginário medieval é explorado pelo cinema, televisão, séries e jogos de videogame, tendo como principal fonte de renda o cinematógrafo, que se torna filão em temas relativos ao medievo. A motivação para trabalhar com imaginário medieval no cinema surge do interesse em temáticas de fantasia, e também do gosto pela área cinematográfica e sua forma de produção, causando o efeito do real no espectador.

O presente estudo tem como forma de análise, a relação entre cinema e história, como já mencionado, o filme: “As Crônicas de Nárnia: O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”, baseando-se na idéia do imaginário. A análise fílmica foi realizada usando o método proposto por Manuela Penafria (2009).

Penafria (2009, p.4) afirma que:

A análise é uma atividade que perscruta um filme ao detalhe e tem como Função maior aproximar ou distanciar os filmes uns dos outros, oferece-nos a possibilidade de caracterizarmos um filme na sua especificidade ou naquilo que o aproxima, por exemplo, de um determinado gênero. (PENAFRIA, 2009, p.4).

A fim de exemplificar, elaborou-se uma análise que considerou a trilha sonora, os sons de fundo e, ao mesmo tempo, as variações de expressões do personagem, os planos que estavam sendo enquadrados e a paleta de cores. Depois, a imagem analisada foi a cor do cenário e os personagens encontrados na cena, seguida do som e dos planos que se dialogam com a fala dos personagens. Durante o filme, analisaram-se os movimentos de câmera, o enquadramento dos planos e a narrativa figurativa e simbólica que foram construídos para o desenrolar da trama.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho será exploratória e fundamenta-se em uma abordagem qualitativa que, de acordo com Malhotra (2006, p. 155) é uma metodologia de pesquisa não estruturada e exploratória baseada em pequenas amostras, que proporciona percepções e compreensão do contexto do problema. Sempre partindo da interpretação dos elementos observados no filme.

Gil (2007, p.41) aponta que, em relação à metodologia exploratória:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o Problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2007, p.41)

A pesquisa exploratória pode ser classificada como: pesquisas bibliográficas e estudos de caso. (TUMELERO, 2019, p. 1). Assim, salientamos a pesquisa bibliográfica e os estudos da fonte fílmica. Como base teórica para se compreender o imaginário, os autores escolhidos foram: Jacques Le Goff, um dos grandes nomes no que diz respeito à história da cultura e do imaginário medieval. Sandra Pesavento, que atuava na área de história cultural, nome importante nesta temática. José Barros de Assunção, estudioso de temas ligados às áreas de

história cultural, história da arte e cinema e história.

Para trabalhar com Cinema e História, foram também utilizados principalmente: Marc Ferro, pioneiro nos estudos entre Cinema e História. Alexandre Valim, Mônica Kornis e Eduardo Moretti, importantes pesquisadores brasileiros na temática citada. Para trabalhar com A Idade Média no cinema, foram utilizados, dentre outros: José Rivair Macedo, José Alberto Baldissera, e Miriam Rossini.

Para um melhor desenvolvimento do trabalho, foi dividido em tópicos, tendo a introdução como primeira parte, fazendo uma breve apresentação sobre o tema. Na segunda parte, o tema História, Cinema e Imaginário, dividido em quatro sub tópicos: O conceito do Imaginário, O Imaginário medieval, O Cinema como fonte histórica, A Idade Média no cinema. Na terceira parte, analisaremos, de forma detalhada, o filme “As crônicas de Nárnia”, apresentando os elementos do imaginário medieval.

2 HISTÓRIA,IMAGINÁRIO E CINEMA

O Cinema, desde que foi considerada uma arte, é usado de diversas maneiras, como em filmes, documentários ou ficção, em películas, como era antigamente e, mais frequentemente, no suporte digital. Hoje é um objeto de estudo relevante para trabalhar no campo historiográfico.

O medievalista tem diversos tipos de fontes para estudar a Idade Média, tornando o cinema uma fonte fílmica. A película mostra-se um ‘agente histórico’ importante no sentido de que interfere direta ou indiretamente na História. Assim, o gênero cinematográfico contribui como um relevante transmissor de memória histórica, atuando como um artefato cultural, representativo e simbólico.

Por meio de textos literários e imagens iconográficas, através das estruturas culturais ao longo do século XI, XII, XIII, contos folclóricos e imagens de seres mitológicos foram sendo estabelecidas nas mentalidades européias posteriores. No século XX, o cinema veio como relevante meio de representação simbólica que atuava no campo do imaginário, produzindo o efeito do real no ficcional.

2.1 Breves Conceitos sobre o Imaginário

Até a metade do século XX na historiografia, o imaginário era um campo desprezado e colocado em segundo plano. Desvalorizado por um pensamento onde o racional e o científico representavam uma verdade única. Assim, de acordo com (VIGÁRIO, 2009 Apud PESAVENTO, 1995, p.11) “Para Descartes, a Imaginação era um fruto do erro e da falsidade, cabendo-lhe, no máximo, o designativo de um estágio inferior de conhecimento”.

O saber científico, única fonte do conhecimento, deveria se despojar da imaginação deformadora. Não é por acaso que, no senso comum, o imaginário aparece como algo fantasioso e, forçosamente, “não sério”, porque não é científico. (VIGÁRIO, 2009, Apud PESAVENTO, 1995, p.11).

É relevante salientar o movimento historiográfico da escola dos annales, iniciado por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, na França, visando trabalhar a história da atividade humana, vida cotidiana e, relações pessoais da sociedade, tornando-a como objeto de pesquisa histórica com a intenção de quebrar paradigmas com a história tradicional. “A contribuição de Marc Bloch é talvez ainda mais decisiva para as subseqüentes gerações dos Annales. Os Reis

Taumaturgos (1924), um ensaio que abre muitos caminhos para as gerações posteriores. ” (BARROS, 2010, p.11).

Na obra em ‘ Os Reis Taumaturgos’, Bloch trabalha a crença do período medieval, do ponto de vista dos Reis, considerando a crença, fábula e também o imaginário que até então eram desprezados na historiografia tradicional. Em relação ao Imaginário, o medievalista Jacques Le Goff (1994) enfatiza que:

O termo ‘Imaginário’ sem dúvida remete-nos à imaginação, mas a história do Imaginário não é uma história da Imaginação no sentido tradicional, trata-se de uma história da criação e do uso das Imagens que fazem uma sociedade Agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam e animam. (LE GOFF, 1994; p.11).

O imaginário surge da imaginação social. De fato, toda a existência do mundo é resultado da ação humana, seja por meio de objetos abstratos, seja em formas reais. É composto por representações baseadas em experiências em que cada sociedade pensa de forma coletiva ou individual. De acordo com Plantagean (1990, p.291) “ Isto é, cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário”. Sandra Pesavento (1995, p.22) diz que “ O Imaginário social não se resume as ideias-imagens utópicas, mas elas lhe dão um suporte poderoso, como forma específica de ordenação de sonhos e desejos coletivos”.

Segundo Barros (2007, p.26) A história do imaginário estuda “as imagens produzidas por uma sociedade, mas não apenas imagens visuais, como também as imagens verbais e, em última instância, as imagens mentais”. Partindo disso, através do Imaginário o ser humano produz desenhos, quadros, fotografia, textos literários. Maffesoli (2008, p.76) considera que “a existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado. Inclui aí todo tipo de imagens: cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas”.

O imaginário é parte de um universo complexo de imagens que circulam, inclusive na criação de símbolos, e, posteriormente, no universo da representação. Entende-se por símbolo, uma imagem ou uma representação de realidades, segundo Barros (2007, p. 27), “ a espada como símbolo da justiça”.

Além disso, as metodologias que envolvem a iconografia apresentam métodos que diferem do texto escrito. A análise da imagem visual requer atenção em todos os seus detalhes, é preciso considerar além da ilustração. É considerável notar, na imagem, os diversos níveis de mensagem ou simbologias que surgem dela mesma.

2.2 O Imaginário Medieval

Na Idade Média, principalmente, entre os séculos IX ao XII, pode-se dizer que o homem possuía uma visão hierofânica do mundo. Em outras palavras, sobrenatural ocupava a mente de uma sociedade eminentemente rural, ambientada em grandes espaços naturais. Certo desamparo e fragilidade diante dessa natureza frequentemente hostil fizeram que o homem medieval vivesse em busca do Maravilhoso à procura de um mundo extraordinário, conectado a uma noção do Além. ‘’ Sem dúvida, aquela era uma sociedade habituada a viver sob o signo do sobrenatural. ’’ (FRANCO JÚNIOR, 1995, p.192).²

Esse Maravilhoso também se referia a uma forma de superar as banalidades do cotidiano da sociedade medieval. Pontuado de elementos mágicos e religiosos, uma forma de perceber a manifestação do sobrenatural, como também a fonte de abundância de alimentos no denominado “Mundo da Cocanha”, país mitológico representado na tradição oral e iconográfica do século XIII.

A visão hierofânica se refere às práticas religiosas, pessoas que possuíam religiosos, realizando rituais e gestos. As práticas religiosas se conectam com o mundo sagrado por meio de forças sobrenaturais. “Na Idade Média, a magia tinha três tipos de manifestação: o milagre, o maravilhoso, a feitiçaria. (FRANCO JÚNIOR, 1995, p.194).

A mentalidade medieval influenciou diversas obras de literatura e imagens iconográficas ao longo dos séculos XI, XII, XIII. O medievalista Jacques Le Goff, na obra “Heróis e Maravilhas da Idade Média” (2012) faz um estudo sobre mitos mediante fontes iconográficas, passando por mitos na contemporaneidade, por meio de análise de filmes e quadrinhos. O imaginário faz parte do campo da representação, cada sociedade em sua própria cultura produz imaginário.

Segundo Le Goff (2012, p.12):

O Imaginário faz parte do campo de representação, mas ele ocupa neste último Na parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transforma imagens do Inteligente, mas cuidadora poética no sentido etimológico do termo. O Imaginário constrói lendas e mitos de uma sociedade, de uma civilização que transforma a realidade em visões ardentes do intelecto. (LE GOFF, 2012, p.12)

De acordo com Le Goff (2012) é possível compreender que, na Idade Média, os europeus criaram, através do seu imaginário, mitologias, criando heróis, lendas e lugares que

² Franco JR,Hilário. A Idade Media: nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1995.

não se enquadram na realidade. Relevante salientar que heróis, história de fadas, reinos encantados, mundos fantásticos, heróis da Idade Média como Rei Arthur, Robin Hood, foram readaptados na indústria cinematográfica. A respeito do Herói, Le Goff (2009) Destaca que:

No século XII, o termo de onde vem a palavra *prouse* (proeza) era associado ao valor guerreiro e a coragem, e na maior parte das vezes designava um Homem destemido, um bom cavaleiro. No século XIII, ele modificou-se adotando principalmente o sentido de cortês, gentil, belo, franco. ” (LE GOFF, 2009, p. 15)

Segundo Campbell (1997, p. 14) “ O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas, ou até sobre-humanas. ” O herói enfrenta desafios extraordinários que o fazem superar os seus medos. A partir dos desafios enfrentados, também adquire maturidade para lidar com seus problemas.

No Medievo, o imaginário era sinônimo de mito, que se manifestava em mundos fantásticos, mas com profundas ligações com o mundo real. Dessa forma, no mundo mítico, a vida é real, os eventos são reais, os elementos presentes no mundo fabuloso representam seres sobrenaturais, convivendo com seres humanos.

De acordo com Bueno (2017) Entende que:

Nas artes, e mais precisamente na literatura oral, a vertente maravilhosa e da Fantasia dos contos foi a que mais floresceu, exatamente por tratar de assuntos ligados às necessidades de resolução de conflitos psicológicos e explicação dos fenômenos da natureza e da vida dos homens, dando origem aos contos de fadas, que, de modo geral, preservam a mesma estrutura dos contos maravilhosos, cheios de magia e de seres sobrenaturais. (BUENO, 2017, p. 112)

Diante disso, a Fantasia visa proporcionar experiências e sensações diferentes na vida do ser humano, que não são comuns em seu cotidiano. Contribuindo para o desenvolvimento, criatividade e prazeres na vida.

2.3 O Cinema como Fonte histórica

O cinema surgiu no século XIX, em 1895, com a primeira exibição pública de um filme dos irmãos Lumière. Demorou alguns anos para ser considerada uma linguagem e uma arte respeitada pelo público e pelos intelectuais. De acordo com Ferro (1988, p. 4) O cinema era interpretado como um objeto desconhecido e muito fantasioso.

Nesse sentido, muitos historiadores viam o cinema como um simples meio de interação e diversão, longe de ser um documento utilizado como fonte de pesquisa a respeito da historicidade. De acordo com Morettin, (2003, p. 21): “Produtos de um discurso tido como fútil e subalterno, que escapavam do olhar do historiador, por razões tanto sociológicas e ideológicas como técnicas”.

Nos anos 1960 a 1970, com o movimento historiográfico francês “Nova História”, deu-se importância a diversas fontes de pesquisa histórica, ampliando a ideia de documento, incluindo, assim, não somente o tradicional documento escrito, o oral, o ilustrado, o fonográfico e o audiovisual. (KORNIS, 1992)

A relação entre História e Cinema construiu e modificou conceitos e estudos relacionados a essas duas grandes temáticas. O cinema ensinaria a história a trabalhar com um novo objeto de pesquisa, e o cinema se perceberia como uma área que vai além de ser utilizado como entretenimento. Constituiu-se relevante objeto de pesquisa para a historicidade. (BARROS, 2007).

Sendo assim, o cinema é considerado uma fonte de estudo histórica rica, pois é um meio de representação que transmite e mostra uma determinada realidade. “ Os filmes mostram imagens de vidas, de atitudes e de valores de grupos sociais, criados a partir de aspectos reconhecíveis, porém muito selecionados, desses grupos “ (VALIM, 2012, p.288) Dessa forma, o cinema foi criado para testemunhar a vida da sociedade, mostrando suas realidades e contribuindo para registrar eventos históricos, além de ser um instrumento utilizável para uso de manifestos políticos, através da imagem e do som. Para analisar o filme, o historiador precisa ter a concentração necessária, observar cada cena, falar sons, em que posição a câmera se encontra, e não se deixar levar pela emoção. Assim, segundo (VANOYE-LÉTÉ, 1994, p.13). O primeiro contato com um filme, a primeira visão, traz toda uma profusão de impressões, de emoções e até de intuições, se já nos colocamos em uma atitude de atentos analisadores.

Cinema e História, cada um com seus métodos de pesquisa, mas, juntos, criam uma variedade maior de áreas de estudo da historicidade. O cinema, por ser uma fonte bastante rica de compreensão de uma realidade e um campo promissor para a área de história, abrange um campo de conhecimento que aborda, através de imagens, diversos processos sociais e culturais, dando visibilidade a temas históricos que, muitas vezes estavam esquecidos ou desprezados por outras fontes historiográficas.

2.4 A Idade Média no Cinema

A discussão primordial aqui é a necessária distinção entre uma Idade Média propriamente histórica, objeto de estudo dos medievalistas, e uma Idade Média vista em retrospectiva, isto é, certa ideia do passado medieval visto pela posterioridade. (MACEDO, 2009, p.14).

Assim, Macedo (2009, p.14-15) Relata que:

A própria denominação ‘Idade Média’ resulta de uma elaboração desvalorizante renascentista, e que a memória dos grandes temas do medievo na Europa Ocidental (Igreja, Feudalismo, Realeza) ganhou seus contornos mais definidos nos séculos XVII e XVIII, quando os escritores Iluministas e depois os partidários da Revolução Francesa, bem conhecidos por sua posição crítica em relação ao predomínio social da nobreza e da Igreja, determinaram em boa parte uma visão negativa em relação ao período histórico da Idade Média. (MACEDO 2009, p.14-15)

A partir do movimento denominado “Romantismo” no século XIX, houve alterações na história medieval, com foco nas raízes nacionais e folclóricas da Idade Média. Diante disso, temos a chamada reminiscência medieval voltada para as imagens do passado, onde foram conservadas na memória, segundo Macedo (2009, p.15), “Festas, costumes populares, tradições orais de cunho folclórico.”

A Idade Média, na verdade, constitui-se uma realidade bem indefinida ao ver e rever temas como: magos, feiticeiros, dragões, monstros, guerreiros, fortalezas. Elementos esses trabalhos são vistos frequentemente nos meios de comunicação de massa. (MACEDO, 2009, p.17).

Bueno (2017, p.113) ressalta que:

É na Idade Média, que também se organizam lendas, mitos, epopeias que fazem parte da Civilização Ocidental. Também para fatos de épocas históricas que são famosos, como o tempo das Cruzadas (XI-XIII), episódios relacionados ao Rei Arthur e à Távola Redonda, que envolvem castelos, mosteiros, e também o ideal da cavalaria, e outros como os vikings. É bom lembrar que um dos primeiros episódios, que foram lembrados pelo Cinema, quando este surgiu, foi o de Joana D’Arc. (BUENO, 2017, p. 113)

A Idade Média criou esse espaço fantasioso da aventura, com lendas, mitos, heróis e cavaleiros, o que contribuiu para o cinema ter o privilégio de produzir filmes épicos de sucesso. Baldissera (2009, p. 24) Aponta que, “ o cinema tem olhado para a Idade Média como um grande filão, principalmente de filmes de aventura, trazendo-nos épicos famosos, sempre com um olhar do presente sobre a Idade Média”.

Apesar dos progressos dos estudos medievais, a sociedade ainda tem a idéia de uma visão de uma época obscura, seja por conta da falta de leituras sobre o medievo, ou por uma variedade de filmes que ainda mostram uma Idade Média apenas pelo lado sombrio, mostrando guerras, doenças e mortes.

O termo “Idade Média Fantasiada”, criado por textos literários, arte e cinema, tem funcionado como um repositório de temas míticos, românticos, bélicos e propriamente imaginários. “ A noção de uma Idade Média fantasiada tem por finalidade buscar desconstruir o que é visto pelas pessoas, mesmo na contemporaneidade, como um período de trevas da história” (BUENO, 2017, p 115).

Assim, para dar continuidade ao que lhe foi falado anteriormente, Baldissera (2009, p.131) enfatiza que:

A ficção medieval é também um pretexto para exprimir nostalgias de uma época de quimera, até de felicidade, de uma sociedade mais homogênea, sem preocupação com o antes e o depois. Época esta, marcada pela fé, época da generosidade e da lealdade. Ou seja, uma visão romântica e idealizada da Idade Média, que nos remete a um olhar romântico sobre a mesma em oposição àqueles que a detratam como na época de violência, de peste e de guerras. (BALDISSERA,2009, p.131)

Em uma entrevista para a revista Instituto Humanitas Unisinos (IHU), com Miriam Rossini, perguntou-se, como a Idade Média retratada no cinema ajuda a compreender a história desse período?

Rossini (2006, p, 26) Considera que:

A seu modo, o cinema traz novamente à luz questões passadas, eventos, Personagens que, como eu disse, geram curiosidade. As recriações cinematográficas nos dão um vislumbre daquela atmosfera, do cotidiano passado. Eu diria que o cinema nos auxilia a imaginar o passado, a dar uma Materialidade verossímil (imagem em movimento, cor, sons) para aquilo que não existe mais, a não ser como discurso. Ao mesmo tempo, os filmes nos Permitem perceber o modo como a sociedade contemporânea olha para aquele passado; o que nele busca; o que dele resgata. (ROSSINI, 2006, p.26)

Quando se trata de trabalhar com filmes de reconstituição histórica, o cineasta deve se concentrar ainda mais. Ao contrário dos filmes de ficção, que permitem uma maior liberdade de criação, os diretores e roteiristas podem usar a imaginação para criação da película . A leitura fílmica da história é um desafio para os historiadores e é importante haver um melhor diálogo com os cineastas, que, muitas vezes, cria uma realidade diferente e distante do que é abordado na historiografia. Dessa maneira, Baldissera (2006, p.24) entende:

Como sobre qualquer época histórica, também sobre a Idade Média há filmes que se aproximam mais do que a história diz e outros que se afastam mais. De qualquer forma, atraem a atenção para o tempo medieval, misturando a ficção com a história. Aliás, todos eles fazem esta mistura, sem a qual o cinema perderia sua razão de ser. O problema está em quem não conhece suficientemente história, aceitar o que um filme diz como verdade histórica. Essa equivalência resulta em que se confunda a arte (cinema) com a história (ciência), mesmo que também a história tenha seus limites. (BALDISSERA, 2006, p.24)

Filmes que abordam assuntos históricos, ou também chamados de “reconstituição histórica”, ou que tenham alguma referência com História, geralmente incomodam e preocupam a muitos historiadores profissionais (BALDISSERA, 2009, p.128). O cineasta vê o passado através da historicidade, mas, o pensamento do cineasta difere do historiador, trazendo assim, um interesse maior na parte da dramaticidade, do que em uma determinada verdade histórica.

Ao retratar um filme histórico, o cineasta e roteirista não apresentam a verdade do que realmente aconteceu. Há alterações no enredo e, conseqüentemente, o tipo de verdade, mas aceito pelo telespectador. A realidade do filme não precisa ser necessariamente semelhante à verdade histórica, mas, para o público com pouco acesso a pesquisas históricas e discussões acadêmicas, a verdade da história será da obra cinematográfica.

Portanto, é importante abordar a Idade Média no Cinema, assim como outras épocas de

História no ambiente acadêmico. O cinema tem uma linguagem própria, diferente das outras fontes históricas, sendo necessário que se conheça para fazer uma melhor análise e para poder usufruí-la em relação ao que pode ser relevante para o historiador. Aprender o cinema no âmbito acadêmico torna-se, assim, algo indispensável. (BALDISSERA, 2009).

3 OLHARES SOBRE NÁRNIA

O filme “As crônicas de Nárnia: O Leão, a feiticeira e o Guarda Roupa” foi lançado em 9 de dezembro de 2005, baseado na obra literária de Clive Staples Lewis, com direção de Andrew Adamson. Composto por três classificações de gênero: aventura, família e fantasia, conta com um elenco formado por: Georgie Henley (Lúcia), Skandar Keynes (Edmundo), William Moseley (Pedro), James Mc Avoy (Sr. Tumnus), Judy McIntosh, Tilda Swinton (Jadis), James Cosmo (Papai Noel), Jim Broadbent, (Digory Kirke) Anna Popplewell (Susana). O filme foi originado nos Estados Unidos da América, Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda do Norte com duração de 143 minutos.

A obra fílmica narra à história de quatro irmãos: Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia que vivem na Inglaterra em plena Segunda Guerra Mundial. Como forma de se proteger dessa guerra, os irmãos vão passar uns tempos na propriedade rural de um professor misterioso chamado Kirke. Numa brincadeira de pique esconde, descobrem um guarda-roupa mágico que os leva a um mundo mágico, habitado por seres estranhos, como centauros e gigantes. O mundo já foi pacífico, mas hoje vive sob a maldição da feiticeira branca, que fez de Nárnia um local com um inverno infinito. Aslam, o Leão que governa o local, orienta as crianças a ajudarem na luta para libertar este mundo das forças da feiticeira.

A obra mostra que o imaginário se aproxima do imaginário da Idade Média, quando a sociedade criava lendas e mitos mediante manifestações sobrenaturais. Dessa forma, o filme visou trabalhar uma atmosfera mística, para trazer o encanto da fantasia e do mistério.

Na primeira cena, Lúcia descobre a existência de Nárnia através de um guarda-roupa na sala vazia da casa de Kirke. A melodia, nessa mesma cena, revela ainda mais mistério, uma vez que a primeira imagem da câmera captada mostra o olhar da personagem com todo o seu encantamento e curiosidade. Tudo isso em um plano detalhe.

Figura 1- Lúcia descobre o Universo de Nárnia



Fonte: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. Direção: Andrew Adamson. Brasil: Distribuidora: Disney/ Boina Vista, 2005. (Longa-metragem)

No segundo momento, Lúcia entra em Nárnia e as suas expressões demonstram o interesse em descobrir o lugar misterioso. Aqui está a paisagem do ambiente imaginário. Nárnia é coberta de neve, e um fato curioso é a existência de um poste de luz conhecido como o Ermo do Lampião, ponto inicial até o castelo cair Parável nos mares orientais.

Figura 2- Conhecendo Nárnia



Fonte: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. Direção: Andrew Adamson. Brasil: Distribuidora: Disney/ Boina Vista, 2005. (Longa-metragem)

No próximo momento do filme, apresenta o primeiro habitante de Nárnia, o Sr. Tumnus,

um fauno que anda pelo bosque e, é surpreendido por uma presença humana na qual nunca tinha visto antes. Tumnus e Lúcia ficam apreensivos nesse exato momento, pois o fauno Tumnus pensa que a menina é um anão sem barba. No entanto, ele percebe que é uma filha de Eva, referindo-se à menina como uma criatura humana. Quando Lúcia diz que veio por meio de um guarda-roupa, o fauno não entende, mostrando que, de fato, não tem conhecimento da existência do mundo de Lúcia, tendo apenas o mundo Narniano como referência do mundo real.

Ao longo da tomada fílmica, são apresentadas as características do personagem do S.r. Tumnus possui orelhas largas e braços peludos. O fauno é uma figura mitológica que nos remonta à mitologia romana, recebida na mitologia medieval, sendo o equivalente dos sátiros da mitologia grega. No filme, Tumnus reside em Nárnia e anda pelos bosques, sendo conhecido como o gênio dos bosques. Assim, vive em Nárnia durante um longo inverno, além de ser submissa à rainha do mundo narniano, que transforma os habitantes em estátuas de pedras se ousar desobedecê-la. No caso do fauno, a sua função é se porventura crianças humanas atravessarem o mundo de Nárnia, sequestrá-la e entregar para a feiticeira. “Além disso, a figura mitológica de Tumnus adora festas, danças e músicas, usando a famosa “ flauta de Pã”, para atrair os olhos de quem a ouve, provocando sonolência, conseqüentemente quase resultou no sequestro de Lúcia.

O Fauno se torna amigo de Lúcia, mas é descoberta sua traição à feiticeira Jadis no próximo momento do filme, quando Edmundo o entrega à rainha. Dessa forma, é acusado de alta traição, por abrigar inimigos e confraternizar com humanos, sendo, portanto, punido.

Figura 3- Lúcia conhece o Sr.Tumnus



Fonte: Página do Fanpop³

Nas cenas seguintes, é possível ver o momento em que os irmãos Pedro, Susana e Lúcia, além dos castores, são surpreendidos pelo Papai Noel que chega com o trenó e suas renas. A primeira observação é que ele não usa roupas vermelhas, as vestimentas estão em cores marrons, como se fossem roupas de servos feudais, conforme comum nas iconografias medievais do século XII. A cena mostra os irmãos recebendo armas auxiliares para proteger contra possíveis ameaças de forças do mal, relacionadas à feiticeira branca Jadis. Apesar do enfraquecimento da feiticeira, surgiram prováveis lutas ao longo do caminho.

Na imagem, é possível ver, no saco, arco e flecha e urso de pelúcia. Na cena abaixo não mostra, mas o contexto é que Lúcia é a primeira a receber o suco da flor-de-fogo, no qual se cura qualquer ferida. Susana recebe o arco e um auxílio para assoprar sempre que estiver em perigo, uma espécie de trombeta. Já seu irmão, Pedro, recebe a espada e o escudo.

³ Disponível em <https://www.fanpop.com/clubs/the-Chronicles-of-narnia/images/32956417/title/15-pictures-Lucy-pevensie-mr-tumnus-photo>

Figura 4- Os amuletos de Proteção



Fonte: Página do Central Narniana⁴

A partir de um determinado momento do filme, Pedro, Susana e Lúcia estão no acampamento do leão Aslam. Na cena, o leão está de frente para os irmãos, representando uma autoridade de respeito, como era a simbologia medieval desse animal nos bestiários, livros que descreviam aspectos históricos e mitológicos de diversos animais.

A imagem mostra que as crianças se curvam diante de Aslam, em Nárnia, O leão representa o criador, e o que também pode acabar com o lugar a qualquer momento que decidir. Também representaria o lado bom da história, pois a sua presença é sempre em situações em que os seus amigos estão correndo perigo, além de ter o dom da fala. A primeira aparição de Aslam é nessa cena, onde os irmãos recorrem ao leão para pedir ajuda ao irmão Edmundo, capturado por Jadis.

⁴ Disponível em < [HTTPS://twitter.com/centralnarniana/status/1474415610654334977?Ca](https://twitter.com/centralnarniana/status/1474415610654334977?Ca) >

Figura 5- Pedro, Susana e Lúcia no Acampamento de Aslam



Fonte: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. Direção: Andrew Adamson. Brasil: Distribuidora: Disney/ Buena Vista, 2005. (Longa-metragem)

Nas últimas cenas do filme, Pedro e o exército de Aslam travam uma batalha contra a feiticeira branca no campo de batalha, em prol da libertação de Nárnia dessa opressora e operar o bem novamente. Na cena, há um tom de cores mais intensas, ao contrário do primeiro, analisado no início da trama, pois os irmãos e os habitantes originários estão unidos em Nárnia, o que acaba enfraquecendo o poder de Jadis sobre seu domínio do local. Os elementos que estão ligados ao imaginário medieval da cavalaria, da força, da união, também o uso de armaduras, espadas e escudos em que são usados em campos de batalha e em lutas corporais. Vale salientar, de acordo com segundo Costa (2014), que, na Baixa Idade Média, o cavaleiro não era uma classe baixa da nobreza, mas também as camadas mais altas recebiam títulos.

Figura 6- Batalha do Exército de Aslam vs Feiticeira Branca



Fonte: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. Direção: Andrew Adamson. Brasil: Distribuidora: Disney/ Buena Vista, 2005. (Longa-metragem)

A cena é de extremamente dramática, mostra a importância, coragem e força de Pedro. Ela é captada em câmera lenta e o único som presente é das batidas do coração dele. Há seres mitológicos, tais como: grifos, centauros, minotauro, o unicórnio branco que Pedro está montado. Novamente rol de seres presentes em Bestiários medievais.

Na última parte do filme, os quatro irmãos estão no castelo de Nárnia, com Aslam e o exército que venceu a batalha. Eles estão coroados como reis e rainhas de Nárnia, sentados no trono com trajes de realeza, e na frente se encontra o leão, anunciando-os como majestades de Nárnia após a destruição da feiticeira branca.

Portanto, Aslam é o responsável por dar os nomes de reinado para os quatro irmãos. Pedro, em nome do limpo sol do norte, é coroado como, o magnífico, em nome do radiante sol do sul, rainha Susana, a gentil, em nome dos grandes bosques do ocidente, rei Edmundo, o justo, e Lúcia em nome dos brilhantes mares orientais, a destemida. Virtudes valorizadas no ideário da sociedade feudal hierarquizada, principalmente a partir do século XIII. “Na Nobreza feudal os Reis, na Baixa Idade Média, adotavam ‘ nome de reinado’ tanto podia ser um nome de batismo quanto um nome escolhido pelo próprio soberano ao subir ao trono. ” (COSTA, 2014, p.41).

O País de Nárnia, antes dos irmãos tomarem o poder como reis e rainhas, era governado por uma ditadura opressora com 100 anos de inverno. Segundo Hilário Franco Junior (1995) cita a Guerra de Cem anos (1337 – 1453) na Idade Média, um grande conflito nacionalista. Com isso, através da profecia, dois filhos de Adão, e duas de Eva salvariam Nárnia das garras de

Jadis e trariam a liberdade ao País. Após a tomada de poder, a nova nobreza implementou o sistema monárquico voltado para a compreensão do povo, buscando entender, defender e preocupar-se em ouvir.

Figura 7- Reis e Rainhas de Nárnia



Fonte: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. Direção: Andrew Adamson. Brasil: Distribuidora: Disney/ Buena Vista, 2005. (Longa-metragem)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou de forma breve alguns elementos do imaginário medieval presente em “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda Roupa” (2005). A Idade Média é um tema relevante nas escolas e espaços acadêmicos, pois também é possível conhecer a sua cultura, produzir temas literários e folclóricos. A importância de enfatizar o lado cultural através da criação de lendas e mitos é um tema relevante para se trabalhar com alunos do ensino fundamental, por exemplo.

Ao longo do trabalho, foram enfatizados os conceitos de imaginário, compreendeu-se um pouco mais sobre o imaginário medieval e o cinema como fonte histórica e, posteriormente, apresentou-se uma análise de elementos do imaginário medieval encontrados no filme estudado. Para chegar aos resultados, também foi realizada uma pesquisa exploratória, com base em pesquisas bibliográficas com autores que atuam na área do imaginário, do cinema e também da história medieval.

Após a análise da pesquisa, foram encontrados alguns elementos do imaginário medieval no filme. Viu-se florestas com paisagens bucólicas, diversos animais e faunos, mais conhecidos como sátiros, armas da cavalaria e títulos referentes à nobreza feudal. No início do filme, percebeu-se que o ambiente de Nárnia era coberto de gelo, ao contrário da casa do professor Kirke, que morava a poucos metros do mundo da fantasia, mostrando ser um lugar ambientado em um mundo imaginário.

A existência de seres mitológicos que estão relacionados ao fauno, remonta aos bestiários medievais, descritos como metade, homem e bode. Ao longo do filme, os personagens usam armas auxiliares, como espadas, arcos e outros armamentos presentes no imaginário medieval, como os cavaleiros do Rei Arthur. A presença de seres falantes, como Aslam, o leão, remonta a lendas e fábulas medievais de cunho, sobretudo, moralista. A luta entre o bem e o mal é o que coroa essa história fantástica, com ligações entre o mundo real e o imaginário.

REFERÊNCIAS

- AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa. Direção de Andrew Adamson. Walt Disney Pictures/Walden Media. Estados Unidos/Reino Unido, 2005. São Paulo: Walt Disney Studios Home Entertainment, 2008. Blu-ray (143 min.), color.
- BALDISSERA, José Alberto. Ideias (visões) de Idade Média no Cinema. *Revista Aedo*, v. 2, n. 2, 2009.
- BARROS, José D'Assunção; História, imaginário e mentalidades: delineamentos Possíveis. *Conexão – Comunicação e Cultura, Caxias do Sul*, v. 6, n. 11, p. 11-39, jan./jun. 2007.____. *Cinema-história*. Rio de Janeiro: UESC, 2007.
- BARROS, José Costa D 'Assunção. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 4, n. 8, 2010.
- BUENO, Rodrigo Poreli Moura. O Imaginário Medieval na Literatura e no Cinema: Reflexões acerca das obras O Senhor dos Anéis e As Crônicas de Nárnia. *LITERARTES*, v. 1, p. 103-120, 2017.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix, 1997.
- COSTA, Antonio Luiz MC. Títulos de nobreza e hierarquias. Editora Draco, 2014. 636p.
- FERRO, Marc. In: LE GOFF, J: NORA, P. História: novos objetos. 3. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 146 p.
- FRANCO JR, Hilário. A Idade Média: nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1995. 273 p.
- GIL, Antônio Carlos; VERGARA, Sylvia Constant. Tipo de pesquisa. Porto Alegre: Ed da UFPE, 2015.
- KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. *Revista Estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. O que é imaginário. Brasiliense, 2017.
- LE GOFF, Jacques. Heróis e maravilhas da Idade Média. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.331p.
- MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia. A Idade Média no Cinema. São Paulo: Ateliê, 2009. p. 13-48.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. Revista Famecos, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História: Questões & Debates, v. 38, n. 1, 2003.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques. (Org.) A História Nova. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 292-318.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes: conceitos e metodologia (s). In: VI Congresso Soco. 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista brasileira de História, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

ROSSINI, Miriam. As marcas do passado: o filme histórico como efeito do real. 1999. 416 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TUMELERO, Nana. Pesquisa aplicada: material completo, com exemplos e características. METTZER, 2019. Disponível em: [https://blog.metzzer.com/pesquisa- Aplicada/](https://blog.metzzer.com/pesquisa-Aplicada/) Acesso em Out. 2022

VALIM, Alexandre Busko. História e cinema. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. VANOYE, Francis. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas: Papyrus, 2006.

VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. História e imaginário. II Seminário de Pesquisa da Pós Graduação em História UFG/UCG. Goiânia, v. 14, 2009.